



**CARTOGRAFIA SOCIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: COM A PALAVRA,
OS/AS ALUNOS/AS**

**CARTOGRAPHY SOCIAL AT THE TEACHING OF GEOGRAPHY: WITH WORD,
THE STUDENTS**

Camila Paula de Souza

Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Geografia
camilasouza.geo@gmail.com

Liz Cristiane Dias

Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Geografia
lizcdias@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo evidenciar algumas reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem da Cartografia por meio de uma intervenção pedagógica utilizando a Cartografia Social como ferramenta metodológica com os alunos de uma turma do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello, localizada na cidade de Pelotas-RS. Para tanto, os alunos realizaram mapeamentos dentro da escola e a confecção de mapas, considerando algumas particularidades e características deste contexto escolar, dentre elas: a divisão dos espaços na escola e suas variadas formas de apropriações pelos alunos. Sendo assim, a prática metodológica é dividida em três etapas de realização, a qual teve como cerne a protagonização dos alunos por meio da construção de mapas. Neste estudo, verificou-se a Cartografia Social como uma ferramenta potencializadora ao articular o contexto vivido dos alunos com o ensino da Cartografia e os conceitos geográficos e, além disso, de sólida contribuição para a superação do distanciamento da Cartografia do restante dos conteúdos da disciplina escolar de Geografia.

Palavras-chave: Mapas; Geografia; Escola.

ABSTRACT

The present article aims to highlight some reflections about the teaching and learning process of Cartography through a pedagogical intervention using Social Cartography as a methodological tool with the students of a high school class of the State Technical School Prof^a. Sylvia Mello, located in the city of Pelotas-RS. In order to do so, the students carried out mapemetry within the school and the making of maps, considering some peculiarities and characteristics of this school context, among them: the division of spaces in the school and its various forms of appropriations by students. Thus, the methodological practice is divided into three stages of realization, which had as its core the protagonism of the students through the construction of maps. In this study, Social Cartography was verified as a potential tool in articulating the lived context of the students with the teaching of Cartography and the geographic concepts and, in addition, a solid contribution to overcome the Cartography distancing from the rest of the contents of the discipline school of Geography.

Keywords: Maps; Geography; School.

1 – Introdução

O presente artigo busca evidenciar algumas reflexões e apontamentos referentes a realização de uma intervenção pedagógica realizada com uma turma de alunos do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Profª. Sylvia Melo, localizada na cidade de Pelotas – RS. Essa prática é oriunda do Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, intitulado: “Repensando a Cartografia no âmbito escolar: perspectivas, investigação e a Cartografia Social como proposta metodológica”, apresentado no ano de 2015 pela Universidade Federal de Pelotas.

A prática realizada foi desenvolvida como um projeto de extensão que visou aproximar Universidade e Escola, e desenvolver a Cartografia como um conceito que se integra efetivamente aos conteúdos escolares da disciplina de Geografia, tendo como ‘pano de fundo’ situações geográficas vivenciadas por alunos em seus contextos escolares. O desenvolvimento da atividade contou com a parceria de bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

A Cartografia na Educação Básica, em algumas situações, tem reproduzido mapas distantes do contexto social dos alunos, sendo que muitas vezes não possuem nenhuma associação com o local de vivência dos mesmos. Encarada em alguns casos, como um conteúdo da Geografia que não contempla o espaço de convívio dos estudantes e despossuída de uma intencionalidade por detrás de quem o realiza. Dentro dessa problematização, Katuta (2001), destaca que:

Dessa maneira, na perspectiva do educando, não raro o conhecimento geográfico bem como a cartografia nas aulas de geografia, ao desconsiderarem o ritmo do conhecimento e assim estancarem no discurso da generalidade do espaço, deixam de ter relevância para este sujeito social, porque se tornam destituídos de significados. (p. 145)

Considerando a reflexão anterior, é possível tecer algumas considerações sobre o ensino da Cartografia, questões essas que necessitam de investigação teórica e metodológica, nesse sentido a prática de Cartografia Social realizada neste estudo com os alunos do Ensino Médio buscou associar os trajetos vivenciados por eles no espaço escolar e sua transposição para a análise cartográfica, a fim de reforçar a noção de uma Cartografia contextualizada com a realidade dos estudantes.

Identifica-se neste estudo a Cartografia Social como um conceito que envolve um processo contínuo e dialógico aos sujeitos envolvidos, por isso a importância de destacá-la como sendo uma prática. Essa característica está baseada na autorrepresentação dos sujeitos que se apropriam do território, de modo a consolidar suas identidades, portanto, esse processo social é representativo, uma vez que envolve a percepção e a concepção, não se apoiando somente no princípio da localização e distribuição dos elementos físico-naturais no espaço representado, mas sim uma rede de relações dos agentes envolvidos nos enlaces territoriais (ACSELRAD et al. 2013).

Desse modo, a Cartografia Social é reconhecida na prática descrita neste artigo como um instrumento potencializador para a ação dos alunos, de forma que os mesmos possam protagonizar suas demandas de cunho socioterritoriais em representações cartográficas com pautas organizadas e articuladas, que culminem em melhorias em vários âmbitos.

Sendo assim, é notável que a Cartografia Social no contexto escolar possa ser um dispositivo muito profícuo ao considerar que se trata de um processo dialógico, e que o mesmo não condiz com uma “receita” pronta aplicável de forma proporcional em diversos contextos escolares, pelo contrário é um processo que parte de uma problemática comum ao grupo que visa repensar estratégias de melhorias através de mapeamentos. Neste sentido, o estudo apresentado neste artigo, visou a partir do enfoque das problemáticas de cunho socioterritoriais dos alunos desenvolver uma intervenção prática tendo como ferramenta potencializada a Cartografia Social.

2 – Metodologia

No que diz respeito ao desenvolvimento metodológico deste estudo, o mesmo deu-se através da revisão de literatura ao destacar o processo de desenvolvimento da Educação Geográfica, da Cartografia Escolar e da Cartografia Social, para tanto utilizou-se autores como: Angela Katuta (2001); Gisele Girardi (2012); Henri Acsehrad (2013); Lana Cavalcanti (2012); Sonia Castellar (2010), entre outras(os).

Para investigar algumas noções relacionadas ao contexto da disciplina de Geografia foi realizada uma entrevista com a aplicação de um questionário a professora titular de uma turma do terceiro ano do Ensino Médio com perguntas concernentes ao desenvolvimento da disciplina de Geografia no contexto desta escola. Para Gil (1999) “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo

assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (p.117).

Entende-se que a aproximação com a professora titular desta turma foi de suma importância para estabelecer afimco o vínculo entre Universidade e Escola e também de investigar com maior propriedade o contexto escolar. Conforme evidencia Cavalcanti (2012) ao afirmar:

Promover a articulação entre a geografia acadêmica e a geografia escolar, buscar formas de alimentação recíproca de uma pela outra são ações a serem realizadas pelos professores de geografia das escolas de educação básica no exercício de reflexão coletiva, na escola ou fora dela, que permite explicitar e sistematizar seu conhecimento da geografia escolar. Essa articulação deve ser também promovida pelos professores da geografia acadêmica de nível superior na reflexão sobre a estruturação dos conhecimentos geográficos produzidos no âmbito da pesquisa para fins de formação dos professores. (p.93)

Aplicou-se também um questionário qualitativo com os alunos e a escolha de uma turma do terceiro ano do Ensino Médio deu-se pelo fato que os alunos já tiveram nos anos anteriores a apreensão de alguns conceitos geográficos e sendo assim, conseguiriam desenvolver com maior amplitude de conhecimento a proposta de atividade.

Priorizou-se uma análise qualitativa das questões levantadas, pois em se tratando de pesquisa em Educação optou-se por considerar a particularidade da realidade que o campo de análise está inserido e de suas contradições que, de modo geral, não caberiam em uma análise quantificada devido ao seu contexto repleto de fatores subjetivos. E por fim, foi realizada a prática com os alunos utilizando-se da Cartografia Social como ferramenta metodológica. Nessa etapa os alunos realizaram mapeamentos, tendo como intuito refletir sobre as problemáticas existentes no espaço escolar e sobre as possíveis melhorias no que concerne a infraestrutura e as relações sociais presentes neste contexto.

3. Resultados e discussões

A primeira etapa foi o contato com a professora titular de Geografia da turma de Ensino Médio. Durante a entrevista buscou-se averiguar e contextualizar algumas particularidades da escola em relação a disciplina de Geografia, bem como sobre a formação da professora. A seguir, no quadro 1 é apresentada uma síntese com as perguntas realizadas com a professora e suas respectivas respostas:

Quadro 1 – Questionário realizado com a professora titular da disciplina de Geografia

1. Há quanto tempo está exercendo a docência?	<i>"15 anos".</i>
2. Quais as demandas da disciplina de Geografia em relação aos anos do Ensino Médio?	<i>"Uma sala de mídia, mais leitura por parte dos alunos. Possibilitar viagens a lugares diferentes, cidades, com mobilidade diferente".</i>
3. Faz parte de algum outro programa ou projeto do governo? Quais?	<i>"Sim. Pacto Nacional do Ensino Médio".</i>
4. Faz algum curso de capacitação para professores?	<i>"Só o Pacto".</i>
5. No seu ponto de vista quais as dificuldades em ministrar as aulas de Geografia?	<i>"A maior dificuldade é fazer os alunos lerem, preferem atividades que não necessitam de uma leitura".</i>
6. Os alunos demonstram interesse nas aulas de Geografia?	<i>"Já estão conscientes da importância da geografia, mas alguns ainda tem a percepção de que as exatas são mais importantes".</i>
7. Quais os problemas enfrentados para ministrar as aulas de Geografia?	<i>"A falta de recursos da escola".</i>
8. Em relação ao ambiente escolar você acredita que o mesmo favorece as aulas de Geografia? De que forma?	<i>"Sempre tem algo no ambiente escolar que podemos usar como tema gerador".</i>
9. O que já tentou fazer nas aulas de Geografia e não deu certo?	<i>"Apresentação de trabalho na turma, não houve envolvimento dos alunos, os trabalhos ficaram muito ruins".</i>

Fonte: SOUZA (2015)

Ao verificar as respostas da professora foi possível destacar algumas questões pertinentes que também fundamentam a proposta da atividade realizada com os alunos, como por exemplo: a falta de recursos didáticos na escola, o que é uma problemática latente na estruturação das aulas dos professores e a dificuldade dos alunos para a leitura.

O questionário aplicado com os alunos teve como pressuposto conhecer a realidade escolar e o que eles identificavam na disciplina de Geografia. Dentre as respostas dos alunos foi possível notar um número expressivo de associações da Geografia com os usos de mapas, fusos horários, política e dinâmicas da natureza.

A escola na qual ocorreu a intervenção prática possui algumas particularidades, dentre elas: é uma escola pública que atende majoritariamente os alunos que moram na mesma vizinhança e é uma escola anexada a uma outra escola privada da brigada militar. Por essas características da escola pública foi viável destacar algumas questões de caráter subjetivo nas relações entre os alunos, concernentes a utilização do território de ambas as escolas.

A escola da brigada militar foi anexada posteriormente a escola pública já ser existente neste local, ou seja, os alunos da escola pública utilizavam o espaço que fora ocupado pela escola da brigada militar, nessa condição já inicia uma visível separação dos espaços antes em comum. Os alunos da escola pública ao participarem da atividade apontaram em diversos momentos sobre a disputa pelo espaço por ambas as escolas, pois com o passar do tempo a escola da brigada esteve se expandindo e utilizando cada vez mais do espaço da escola pública (SOUZA, 2017).

Essa conjuntura existente na escola foi um dos principais condicionantes para se problematizar a intervenção prática e uma das demandas mais latentes apontadas pelos alunos da escola pública. Além disso, outra questão inerente em ambas as escolas estava na fragilidade das relações entre o público de cada escola, nessa perspectiva os alunos da escola pública relataram sobre um tensionamento com os alunos da escola privada, e relacionavam esse fato a uma certa posição de hierárquica por parte da escola da brigada militar (SOUZA, 2017).

Sendo assim, nesses espaços escolares é possível destacar o território como um conceito simbólico e subjetivo presente nas relações dos alunos de ambas as escolas.

Nesse sentido, ao verificar o contexto escolar e a disputa pelo espaço a produção dos mapas pode ser considerada uma forma de expressar a territorialidade ao manifestar-se como estratégia de (re)apropriação territorial às expressões culturais, materiais e imateriais dos grupos envolvidos (SOUZA, 2017). Em relação a conceituação de territorialidade, Haesbaert (2014), constata que:

Territorialidade como concepção mais ampla que território, que engloba (a todo território corresponderia uma territorialidade, mas nem toda territorialidade teria, necessariamente, um território – materialmente construído), territorialidade tanto como uma propriedade de territórios efetivamente construídos quanto “condição” (teórica ou simbólica) para a sua efetivação (p. 65)

Tendo em vista essas particularidades observadas neste contexto escolar, foi viável destacar algumas reflexões sobre a apropriação territorial relativas a percepção e subjetividade dos alunos, por isso como uma forma de contextualizar a problemática existente de forma pedagógica e crítica, a intervenção prática com a utilização da Cartografia Social mostrou-se profícua e relevante.

Conseqüentemente, foi realizado um diálogo com os alunos sobre a necessidade de manter os espaços da escola ocupados por atividades e ações educativas, ou seja, que mantivessem a apropriação do espaço escolar para uso coletivo e que essa fosse uma pauta discutida por grêmios estudantis. Para a realização dos mapeamentos feitos pelos alunos utilizou-se dos mapas mentais, nessa acepção Castellar (2010), aponta que:

Os mapas mentais ou os desenhos são representações em que não há a preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. O aluno pode usar a criatividade ou estabelecer convenção cartográfica. O aluno pode utilizar sua criatividade ou estabelecer critérios junto com a classe, pois as representações ocorrem a partir da memória. Reconhecer o local de vivência, localizar os objetos, saber se deslocar e identificar as direções são conteúdos elementares que deseja, os mapas mentais são representações que revelam os valores que os indivíduos têm dos lugares, dando-lhes significados ou sentido ao espaço vivido. (p. 25)

Sendo assim, observa-se que os mapas mentais para essa prática foram ferramentas potencializadoras ao integrar os conhecimentos cartográficos e geográficos através da percepção individual dos alunos. Além disso, considerando que a turma escolhida são estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e muitos estudavam desde o Ensino Fundamental por isso acompanharam com maior proximidade as transformações ocorridas na escola, observa-se que essa bagagem de conhecimento dos estudantes foi proferida como um elemento primordial na intervenção prática.

3.1 A prática: a Cartografia Social no contexto escolar

A prática se dividiu em três etapas, na primeira os alunos transcreveram para uma folha de papel em formato A3 o espaço escolar a partir de como o enxergavam, associada a essa primeira etapa os alunos também foram instigados a descrever quais elementos devem conter em um mapa mediante ao que eles aprenderam na disciplina de Geografia. A maioria dos alunos responderam sobre os usos de legendas, título e orientação, além desses elementos citados foram complementadas nos mapas outras informações, dentre elas: a fonte e o/a organizador/a do mapa. Em relação a orientação que se encontra cada

ponto cardinal os alunos se utilizaram de bússolas para analisarem a partir da representação que fizeram a localização da escola na cidade de Pelotas.

Na segunda etapa, os alunos destacaram no mapa com o uso do lápis de cor vermelho, os locais que consideravam ser mais hostis e com o lápis de cor verde, os locais de melhor convívio coletivo. Subsequentemente, os alunos relataram o motivo pelos quais delimitaram nos mapas esses locais.

E por fim, foi conduzido um diálogo com os alunos a fim de que relatassem sobre o que cada um destacou em seu mapa levando em consideração suas indagações sobre como tornar aquele ambiente mais agradável e menos hostil, e também sobre como enxergavam os conceitos geográficos em suas produções cartográficas. Destaca-se que a atividade buscou atentar para a complexidade do ensino de Geografia nas escolas públicas em razão que a mesma se dá a partir da dinâmica das transformações socioeconômicas na contemporaneidade, sendo necessário ressaltar uma perspectiva de ensino que leve em consideração o contexto social dos alunos, e que os conceitos estudados em sala de aula na disciplina de Geografia contemplem a diversidade sociocultural que os alunos estão inseridos de forma democrática. Dentro dessa análise, Cavalcanti (2012), afirma que:

O conhecimento mais integrado do espaço de vivência requer, hoje, cada vez com mais intensidade, instrumentos conceituais que tornem possível apreender o máximo dessa espacialidade, daí a preocupação com a organização dos conteúdos, buscando a formação de conceitos geográficos. (p. 48)

No diálogo com os alunos foi possível explanar sobre como um mapa pode ter diversas interpretações, e que nesse caso todo mapa detém de uma intencionalidade e que essa é expressa por quem constrói o mapa. Dentro dessa reflexão, Almeida (2006) pontua que:

(...) os mapas expressam ideias sobre o mundo criadas por diversas culturas em épocas diferentes. A produção cartográfica sempre esteve ligada a interesses políticos e militares, influências religiosas e mesmo questões práticas, como por exemplo, a navegação. (p. 13)

A seguir será evidenciado as etapas de realização da atividade contemplando os aspectos teóricos e metodológicos observados durante a prática desenvolvida.

3.2 – Considerações sobre a prática: aprendizagens da Cartografia Social

Primeiramente, foi explanado aos alunos como consistiria o desenvolvimento da atividade, em seguida foi entregue a eles folhas de papel em formato A3, sendo os

mesmos instigados a organizarem uma roda para discutirem sobre a construção dos mapas mentais, é válido ressaltar que, mesmo na condição de cada aluno confeccionar o seu mapa durante todo o processo houve diálogo entre eles, o que propiciou a discussão sobre o conteúdo geográfico e suas percepções espaciais referentes a escola juntamente com a construção do conhecimento cartográfico. Acredita-se que nesta etapa de realização da prática se articula com o que destaca Castellar (2010) em:

Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser local ou a global. (p. 06)

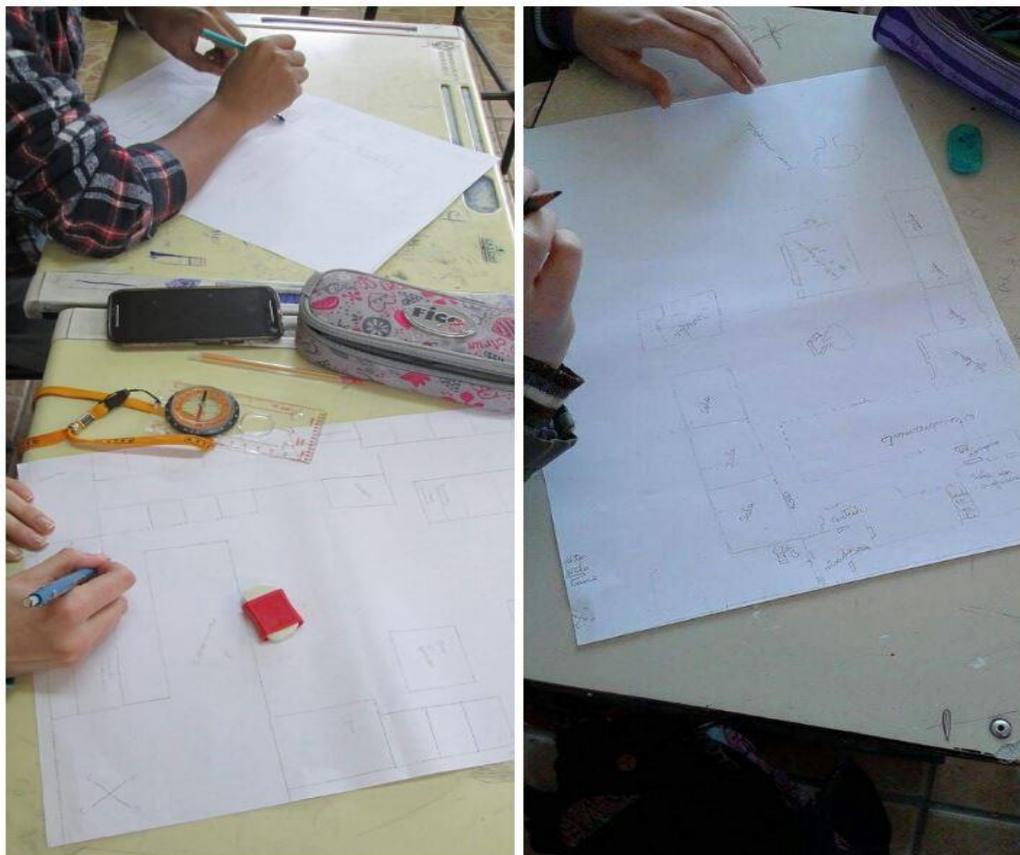
As figuras 1 e 2 ilustram o desenvolvimento da atividade com os alunos.

Figura 1. Registro da atividade dos alunos na primeira etapa



Fonte: SOUZA (2015)

Figura 2. Registro da atividade dos alunos na primeira etapa



Fonte: SOUZA (2015)

No segundo momento da prática foi proposto aos alunos que a partir dos mapas que eles construíram (na etapa anterior) destacassem com o lápis na cor vermelha os lugares mais hostis dentro da escola, e com o lápis na cor verde os lugares que consideravam menos hostis.

No decorrer dessa atividade observou-se a noção de pertencimento que os alunos possuíam do espaço escolar a partir do momento que distinguiam quais são os lugares vivenciados por eles. Nesse sentido, Castellar (2010), afirma que:

Nesse contexto, ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o aluno perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, o que significa, também compreender o processo de construção de sua identidade individual e coletiva. (p.15)

Além disso, essa atividade teve como propósito minimizar a falta de pertencimento dos alunos em relação a escola, que muitas vezes justificam o exposto na entrevista com a professora titular da turma, ou seja, a falta de interesse pela disciplina e pelas ações

desenvolvidas em âmbito escolar. Essa reflexão está em acordo ao que Katuta (2001) define como processo de “estrangeirização”, que nas palavras da autora:

É exatamente este o contexto por meio do qual ocorre o processo de “estrangeirização” do aluno, dado que o mesmo não reconhece sua geografia, sua cartografia na grade das linguagens utilizadas no ensino dos saberes geográficos escolares. (p. 33)

Com a organização dos mapas foi possível também discutir a partir do conceito de Lugar o que os alunos compreendem como uma relação afetiva do ambiente escolar. Foi solicitado também aos alunos que problematizassem os aspectos que envolvem seus interesses no espaço escolar, levando em consideração os seus anseios por melhorias, tanto na infraestrutura desse espaço como também na melhoria das relações sociais calcados nas suas identidades culturais. A figura 3 apresenta os mapas finalizados pelos alunos após a discussão dos mesmos.

Figura 3. Registro da atividade dos alunos na segunda etapa



Fonte: SOUZA (2015)

A partir dos mapas finalizados foi possível debater com os alunos os conceitos geográficos de Território, Paisagem e Lugar e de que forma eles estavam presentes nas produções. Inicialmente, ao desenvolver a discussão sobre o conceito de Território os alunos destacaram como principal proponente da ação deste conceito em seus mapas a

direção escolar, na visão dos alunos a mesma exerce uma função organizativa e de controle sobre eles, dentro de uma relação hierárquica. Em um dos relatos um aluno comparou a direção da escola com o ato de governança, que “comanda” as pessoas, mas que também identificaram a importância da direção escolar como gestora do funcionamento escolar e zeladora dos diversos problemas que ocorrem na instituição.

Ao desenvolver essa discussão sobre o conceito de Território através dos mapas, Castellar (2010), traz uma importante contribuição e afirma:

Dessa forma, o raciocínio geográfico dos alunos pode ser estimulado a comparar diferentes espaços e entender que o estudo do território passa por compreender o grau de complexidade que tem esse conceito, pois abrange diferentes usos, hábitos e cultura, organização política, tradições e etnias que muitas vezes estão convivendo num mesmo território. (p. 16)

Em relação ao conceito de Paisagem foi discutido com os alunos a diferenciação de uma paisagem natural e artificial, e dentro desses dois aspectos os alunos observaram em seus mapas de que maneira poderiam destacar este conceito. Sendo assim, um dos alunos que estudava na escola desde o Ensino Fundamental relatou sobre o processo de transformação da Paisagem na escola ao longo de seis anos, e disse que antigamente a escola tinha muito “mato”, e que havia uma quadra poliesportiva que os alunos da escola utilizavam, mas que atualmente pertence as instâncias da outra escola anexada.

Quanto ao conceito de Lugar o mesmo foi articulado a partir do que o autor Castrogiovanni (2000, p. 15) afirma: “A ideia de Lugar está associada à imagem da significação, do sentimento, da representação para o aluno”. Alguns alunos destacaram em seus mapas a escola como sinônimo de Lugar, principalmente por morarem nas imediações e considerarem a escola do bairro muito benéfica. Em relação aos mapas confeccionados pelos alunos eles destacaram diversos locais que consideraram fazer referência ainda a este conceito. Dentre eles, tiveram a sala de aula, a quadra poliesportiva, o refeitório e o pátio.

No que diz respeito ao lugar que gostam na escola, grande parte dos alunos destacaram a quadra poliesportiva, por considerar que nem sempre as aulas em sala de aula são agradáveis e relataram sobre a hipótese das aulas ocorrerem fora da sala convencional.

Além disso, os alunos foram indagados sobre como eles gostariam que fosse o espaço escolar tendo em vista as problemáticas destacadas por eles, e dentre algumas mudanças

apontaram sobre a existência de uma sala de danças, outra sala de jogos, uma biblioteca com livros atualizados, um auditório multimídia, e uma sala de computadores que funcionassem considerando que havia uma sala com tal recurso, porém os aparelhos não funcionavam, uma sala de instrumentos musicais, a existência de uma horta comunitária e uma quadra poliesportiva de extensão maior. Outro apontamento relevante feito por um aluno foi sobre a possibilidade da distribuição dos bancos no pátio, que para ele poderia em formato circular para que assim todos os alunos pudessem interagir coletivamente.

Após a discussão sobre esses conceitos geográficos os alunos comentaram a respeito de suas representações e nesse diálogo foi possível problematizar as intencionalidades e múltiplas interpretações presentes nos mapas ao representaram nos mesmos as características identitárias individuais.

Como apontamento, considera-se que essa proposta metodológica teve o intuito de propiciar aos alunos a reflexão sobre como a Cartografia é baseada nas percepções de cada um, é uma ferramenta associada diretamente com seus cotidianos e que além de conter dados também contém intencionalidades e subjetividades.

Para Callai (2011, p. 42), “o mapa serve como instrumento para conhecer a paisagem e desvendar a realidade, visa sistematizar o que foi investigado, sendo assim a escala cartográfica expressa aquilo que a escala social de análise considera”, portanto, conforme demonstrado o ensino da Cartografia manifesta-se não somente através da descrição e da quantificação de dados, mas pode ser também um instrumento de leitura dos fenômenos sociais presente no contexto dos alunos.

Foi notável que a Cartografia Social por meio do automapeamento pode ser um instrumento de fortalecimento de articulações em prol de melhorias no ambiente escolar, uma vez que a partir de visões particulares e coletivas dos alunos foi possível gerar a construção de um documento cartográfico.

Com isso, os mapas confeccionados pelos alunos foram entregues para a gestão escolar, no intuito de que os diretores, professores e outros funcionários da escola observassem o posicionamento dos alunos sobre o contexto da escola, tanto no que diz respeito a crítica do “como é o espaço escolar” tanto quanto na esperança e nas sugestões de “como poderia ser a escola”, que na visão dos alunos significa ser um ambiente mais integrador (SOUZA, 2017).

4 – Considerações: o repensar a Cartografia no âmbito escolar

Conclui-se com este estudo que, trazer para a sala de aula o espaço que é vivido pelos alunos e instigar a percepção deles de modo que possam fazer relações com os conceitos da Geografia, é de suma importância, como demonstrado na prática realizada. Para Castrogiovanni (2000, p.16), “o espaço vivido é prático, organizado e equilibrado em nível da ação e do comportamento social”, portanto a associação do conteúdo de Geografia com a Cartografia é relevante para que os alunos possam notar de forma integrada os fenômenos sociais existentes em suas realidades para com a disciplina de Geografia.

Posto isso, a Cartografia Social foi uma ferramenta potencializadora ao ter como enfoque as problemáticas de cunho socioterritoriais dos estudantes envolvidos na prática. Sendo assim, considera-se que na prática metodológica realizada, os alunos puderam protagonizar por meio da criação dos mapas e pautar alguns questionamentos em prol de melhorias no espaço escolar e nas relações sociais mais democrático.

É importante destacar ainda, que problematizar o conceito de Cartografia Social no espaço escolar foi um exímio desafio ao verificar as múltiplas relações deste conceito com outros da Geografia, contudo considerou-se de extrema importância esta associação da Educação Geográfica com a Cartografia Social ao verificar nos autores discutidos e na prática realizada um caminho que é vasto e necessita estar em constante análise. Nesse sentido, a Cartografia Social é uma ferramenta potencializadora e articuladora da multiplicidade de saberes e visões de mundo presentes nos contextos escolares. Seeman (2003), contribui ao afirmar que:

A Cartografia Social não seria uma síntese, mas um diálogo entre diferentes atores sociais (indivíduos, grupos culturais, etc.), tendo “potencial” para se converter num estilo discursivo útil para demonstrar os atributos e capacidades, assim, como o desenvolvimento e as percepções das pessoas e culturas que operam dentro do meio social. (p. 59)

Perante a malha de relações sociais existentes no contexto escolar constata-se que o uso da Cartografia Social na proposta metodológica desenvolvida com os alunos possibilita a associação das demandas sociais vivenciadas pelos alunos ao conteúdo escolar. Sendo assim, a atividade proporcionou aos alunos a observação dos conceitos geográficos em seus cotidianos e essa afirmação é justificada principalmente pelas análises e pelos relatos dos alunos no decorrer das etapas realizadas.

Portanto, considera-se que a prática foi importante também por instigar uma outra aproximação dos alunos para com os mapas, para com a escola e conseqüentemente para com a linguagem cartográfica, de forma que cada aluno pôde representar o mapa da maneira como percebiam o espaço escolar. Desta maneira, esse percurso metodológico de aproximação dos conceitos geográficos com o contexto social dos alunos por meio da Cartografia Social foi um dos caminhos para repensar o ensino de Cartografia e conseqüentemente da Geografia, em contextos escolares.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; VÍEGAS, R. **Cartografias sociais e território: um diálogo latino-americano**. In: ACSELRAD, H. (org.) *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de pesquisa e planejamento urbano e regional – 2013.

ALMEIDA, R. **Do Desenho ao Mapa: Iniciação Cartográfica na Escola**. 4. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

CALLAI, Helena Copetti; et al. **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Ed. Unijuí, 2011- 320 p.- (Coleção Ciências Sociais).

CASTELLAR, S. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. – (coleção ideias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).

CASTROGIOVANNI, A. (Org.) *Apreensão e compreensão do espaço geográfico*. In _____. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KATUTA, A. Os alunos e seus mapas: repensando a cartografia para escolares no contexto do ensino de Geografia. In: LIMA, Maria das Graças de; LOPES, Claudivan Sanches (orgs). **Geografia e Ensino: Conhecimentos Científicos e Sociedade**. Paraná, 2001.

GIRARDI, G. Mapas alternativos e educação geográfica. **Revista Percursos**. Florianópolis, v.13, n.2, pp.39 – 51, jul./dez.2012.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1.Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

SEEMAN, J. Mapas, mapeamento e a cartografia da realidade. **Revista Geografares**, nº 04. Vitória: EDUFES, pg. 49-60. 2003.

SOUZA, C. A questão do conceito de limite na Cartografia Social: apontamentos, discussões e a escola como cenário protagonista. In: **Experiencias cartográficas: exploraciones e/y derivas**. Juan Manuel Diez Tetamanti; Constanza Canali; Veronica Vila. – 1ª edición bilingue – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Margen, 2017.

_____. **Repensando a Cartografia no âmbito escolar: perspectivas, investigações e a Cartografia Social como proposta metodológica**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Pelotas. 2015